

**AS CONSTRUÇÕES DE FALSA CÚPULA OU CHAFURDÕES
no contexto da Alta-Idade-Média, na serra de S. Mamede**

Jorge de Oliveira⁷

Catarina de Mateus Soares⁸

Eliana Goufa⁹

Sofia Lovegrove¹⁰

Resumo:

Nesta comunicação apresenta-se um conjunto de reflexões sobre as possíveis relações espaciais, funcionais e cronológicas entre chafurdões, povoados e necrópoles alto-medievais e ermidas.

Palavras-chave: Chafurdões, Alta-Idade-Média, Povoados, Sepulturas

Abstract: This communication presents a series of considerations concerning the possible spatial, functional and chronological relations between chafurdões and early medieval settlements, burial sites and hermitages.

Keywords: chafurdões, Early Middle Ages, settlements, tombs.

Nas encostas da Serra de S. Mamede, sobretudo na zona norte, em zonas abertas, por entre os grandes batólitos de granito, identificam-se umas espantosas, estranhas e fortíssimas construções, localmente denominadas por chafurdões. Na bibliografia arqueológica local, a Carta Arqueológica de Castelo de Vide (RODRIGUES, 1975), a Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão (OLIVEIRA et al, 2007) e a Carta Arqueológica do Concelho de Nisa – 1ª fase (OLIVEIRA et al,

⁷ CHAIA / Univ. de Évora

⁸ Arqueóloga

⁹ Arqueóloga

¹⁰ Arqueóloga

2011), mostra-se que, praticamente desde a cota mais alta da serra (1025 m) até ao Tejo, estas construções ocorrem com maior ou menor frequência. Em território espanhol, sobretudo no Termo Municipal de Valência de Alcântara e especialmente nas imediações do Rio Sever, identificam-se, igualmente várias construções semelhantes. Coube a Maria da Conceição Rodrigues, em 1975, chamar pela primeira vez a atenção para estas estruturas, dedicando-lhe algumas páginas da sua carta arqueológica. Para além de descrever, genericamente, a sua arquitetura esta arqueóloga ensaia, em breves linhas, algumas tentativas de explicação para a sua funcionalidade, não chegando a qualquer conclusão. Contudo, atendendo à invariável orientação das portas, interroga-se se não haveria algum princípio religioso associado aos chafurdões.

No decurso da realização dos levantamentos arqueológicos atrás referidos começámos a reconhecer a proximidade geográfica destas construções com os povoados e necrópoles atribuídos à Alta-Idade-Média. Perante a ausência de uma informação precisa que nos possibilitasse datar os denominados chafurdões questionámo-nos sobre a sua possível relação cronológica e funcional com os povoados e sobretudo com as vulgarmente denominadas sepulturas escavadas na rocha. A comunicação que a este congresso trazemos concentra-se, exatamente, num conjunto de reflexões sobre esta possível relação crono-funcional.

Arquitetonicamente os chafurdões são estruturas de planta, maioritariamente circular, com diâmetros máximos exteriores que variam entre os 3 e os 6 metros e uma altura máxima que pode atingir os 5 metros. Exteriormente, a uma figura cilíndrica sobrepõe-se uma outra tendencialmente semiesférica, mas no interior observa-se uma forma cónica. Assim, poderemos falar duma cobertura em falsa cúpula que arranca diretamente da base e termina numa ou duas lajes que fecham a cúpula. Estas são estruturas maioritariamente construídas

com a denominada técnica da “pedra seca”, isto é, onde as argamassas de união estão ausentes, embora, algumas tenham sido rebocadas exterior e interiormente em fases posteriores. Os raros elementos ligantes originais que apresentam são terras argilosas que preenchem alguns vãos na zona mais grossa da estrutura. Sobre o lintel da única porta, na sua grande maioria virada a nascente, abre-se geralmente também uma única janela, ou fresta, a maior parte das vezes triangular. Exteriormente a figura cilíndrica é separada da calote esférica que se sobrepõe por uma tosca cornija de lajes de granito que se destacam cerca de 25 centímetros. Localmente esta cornija é denominada por capeado. Os blocos de pedra que conformam a calote esférica são revestidos por terra. Nesta terra crescem plantas rasteiras que com as suas raízes fixam a terra aos blocos de pedra estabilizando e impermeabilizando estas magníficas estruturas.

A volumetria dos blocos de pedra que constituem estas construções variam bastante e sobretudo oscilam de acordo com a função que desempenham na sua arquitetura. Se no paramento exterior podemos observar pedra de calibre pequeno e médio, que facilmente um só homem consegue erguer, casos há que na zona mais grossa e onde o contrapeso é fundamental na manutenção da falsa cúpula onde podemos encontrar pedras com pesos superiores aos 150 kgs e erguidos a mais de 3 metros de altura, o que implicava equipas de trabalho de vários homens em simultâneo. Pesos elevados apresentam também os lintéis e ombreiras das portas. Alguns destes blocos apresentam-se bem trabalhados, com os negativos para assentamento de gonzos e trancas. No interior, abrem-se geralmente uma ou duas “pilheiras” a cerca de 1 metro do chão.

Invariavelmente estas espantosas construções foram erguidas sobre amplos e regulares afloramentos graníticos que inviabilizam a existência de qualquer registo arqueológico.

Não raras vezes adossadas aos chafurdões coexistem outras estruturas, sempre mais rudimentares, tais como pequenos currais,

fornos de pão ou pequenos alpendres, que mostram ter sido erguidos em datas posteriores à construção original. Casos também se conhecem em que construções habitacionais de maior envergadura e muito mais recentes se anexaram a chafurdões pré-existentes (Fig.1). Atualmente muitos dos chafurdões que se conhecem são utilizados para os mais diferentes fins, sempre ligados a atividades agrícolas ou pastoris. Com o gradual abandono dos campos, hoje apenas são maioritariamente utilizados sazonalmente para acolher palha, alfaias e pequenos rebanhos. A diminuta utilização dos chafurdões tem contribuído para que a sua regular manutenção estrutural comece a ser esquecida contribuindo para a sua ruína. Para além da porta de madeira assente em gonzos e com tranca, ou mesmo fechadura, começar já a rarear. O abandono a que gradualmente começam a ser votados os chafurdões tem esquecido a obrigatória recolocação cíclica de terra na cobertura, pelo final do Verão ou inícios do Outono.

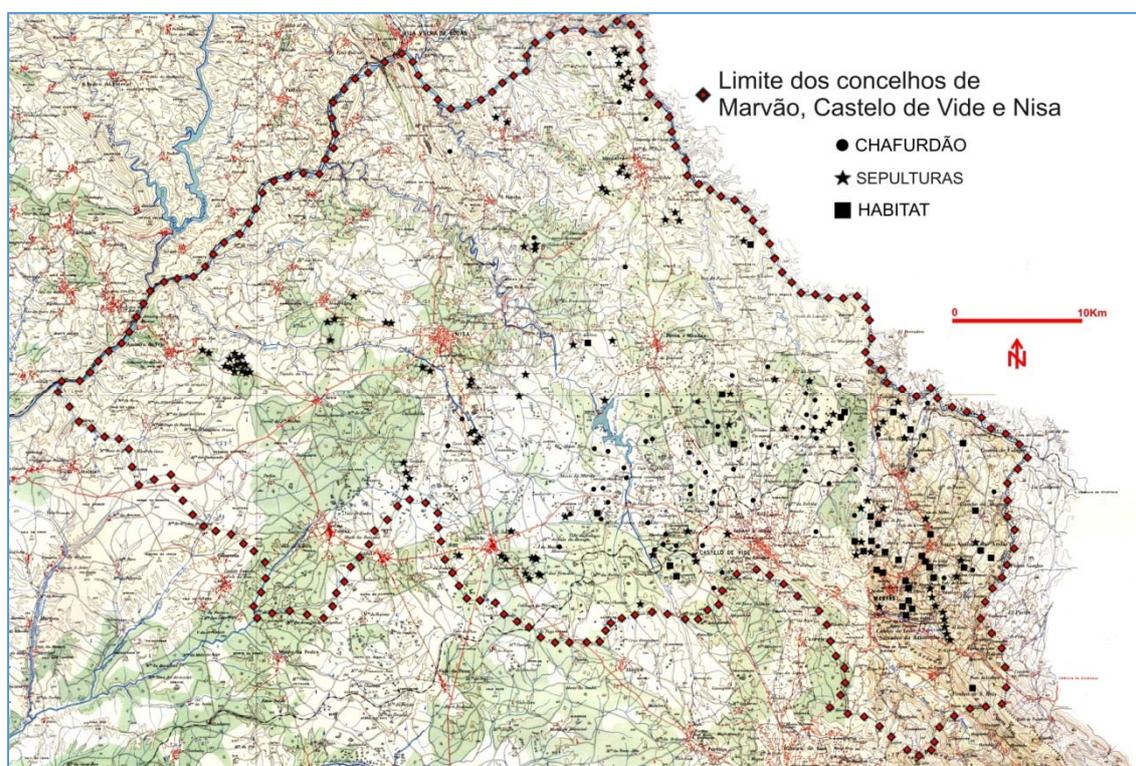


Figura 1. Mapa de distribuição das necrópoles e povoados da Alta Idade Média e dos chafurdões nos concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Nisa

As palavras “chafurdão” ou apenas “furdão” parecem remeter-nos, de imediato, para pocilgas ou estorís. Na verdade, para abrigar os porcos era comum construírem-se pequenos cubículos de pedra seca e, igualmente, com cobertura de falsa cúpula. Contudo, estes abrigos raramente ultrapassavam os 80 cm de altura e geralmente organizavam-se em grupos de 3 a 10, ligados entre si, podendo estar delimitados por um curral de pedra seca. Conhecemos casos em que, em fases claramente posteriores, alguns destes abrigos foram construídos adossados diretamente aos chafurdões, ou no interior de pequenas cercas adjacentes.

A forte ocorrência de chafurdões nesta região a par de outras construções rurais, igualmente de planta circular e também muito abundantes, embora com cobertura vegetal, as denominadas choças, ou sochas tem provocado alguma confusão entre os menos atentos. As choças são construções claramente distintas em múltiplos aspetos, apenas se assemelhando nas dimensões da base e da sua planta, igualmente, circular.

As choças são constituídas por uma estrutura circular, em pedra seca, que raramente ultrapassa os 180cm de altura, com uma espessura média de 60 a 80 cm, sobre a qual assentam vários postes de madeira, formando um esqueleto cónico. Entrelaçam-se nestes postes de madeira ramos de giesta, que devidamente justapostos ou entrelaçados, formam uma cobertura impermeável. Para melhor sujeição dos ramos de giesta estes são cingidos por cordões feitos do mesmo arbusto que entrelaçados amarram intervaladamente toda estrutura. A cobertura cónica pode atingir uma altura máxima que rondará os 5 metros.

Estas construções que ainda se erigiam, de raiz, não há muitos anos tinham e têm múltiplas funções. Até à década de sessenta do século XX a aldeia dos Cabeçudos era formada quase em exclusivo por choças

onde a comunidade habitava. As de maior dimensão abrigavam as famílias, outras, mais pequenas, destinavam-se a animais e a celeiro. Anualmente, pelos inícios do outono, a totalidade ou parte dos ramos de giesta eram substituídos por novos reabilitando-se, assim, estas coberturas. Hoje subsistem ainda algumas destas choças mas a maior parte perdeu por completo a cobertura vegetal e outras viram os seus muros alteados e cobertos quer por telha, quer por chapas metálicas, perdendo-se, assim e infelizmente, toda a sua beleza e equilíbrio ambiental que a cobertura vegetal propiciava.

Coexistem, assim, nesta região dois tipos de construção de planta circular - os chafurdões e as choças -, embora sejam estruturalmente diferentes e, do nosso ponto de vista, cronológica e funcionalmente muito distintas. Enquanto a choça a enquadrámos, claramente, num tipo de construção agro-pastoril passível de ser erigida por uma ou duas pessoas, num curto espaço de tempo e sem recurso a estruturas de apoio para a elevação das pedras utilizadas na cobertura, a construção da maioria dos chafurdões exigiu um número muito maior de pessoas e houve necessidade da montagem de andaimes ou, mesmo de rampas de acesso à parte superior. Ainda que possamos encontrar paralelos para a arquitetura das choças desde os povoados pré e proto-históricos, mas sobretudo da Idade do Ferro, haverá também que reconhecer que existem referências a estas construções simples, mas amplamente funcionais, em todos os períodos da história, até aos nossos dias e amplamente conhecidos em várias regiões. Contudo, no que aos chafurdões diz respeito, o seu número e dispersão geográfica é muito menor.

Na área em apreço, isto é, na envolvência da Serra de S. Mamede, a grande maioria dos chafurdões identificámo-los nas imediações de sepulturas escavadas na rocha, ou mesmo junto a povoados atribuídos à Alta-Idade-Média. É bem certo que por toda esta região é fruto do que apelidámos por “pulverização da cidade romana de Ammaia”

(OLIVEIRA e PEREIRA, 2012) várias de dezenas de povoados, de maior ou menor dimensão, emergiram com o colapso do império romano resultantes da desagregação estrutural da velha urbe romana de Ammaia. Os pequenos vales, bem irrigados, propiciadores de uma economia de subsistência onde a horta e a criação de algum gado garantiam a sobrevivência dum pequena comunidade humana viram erguer-se frustes casas de pedra seca, de planta quadrada ou decangular, cobertas por velhas imbrices, ou reutilizando ainda algumas tégulas, mas onde a cobertura vegetal seria a mais comum. Nos afloramentos, especialmente graníticos, rasgaram-se lagares e sepulturas, algumas antropomórficas, provavelmente destinadas a alguma elite. Os outros foram tumulados, não muito distante em sepulturas simples, demarcadas por lajes, ou apenas em fossas, com diferentes tipos de cobertura. Maioritariamente, estaremos a descrever comunidades cristãs, atendendo, quer ao rito funerário, quer aos poucos, mas seguros, materiais exumados nos sepulcros, ou identificados nos povoados. Genericamente, poderíamos atribuí-los ao “período visigóticos”, valendo apenas simbolicamente esta denominação e baseados, mais uma vez, num muito reduzido número de testemunhos arqueológicos. Entre os mais conhecidos haverá que destacar o anel identificado numa sepultura da Azinhaga da Boa Morte, as moedas do Mascarro, ambos em Castelo de Vide (RODRIGUES, 1975) ou a telha com a inscrição cristã do Monte Velho, em Marvão (PAÇO, 1949).

É dentro deste contexto que encontramos a maior parte dos chafurdões. Na impossibilidade de, até agora, obtermos qualquer estratigrafia arqueológica diretamente associada aos chafurdões que nos permitisse data-los por, invariavelmente, se levantarem sobre afloramentos rochosos, outros indicadores cronológicos existem, mas de validade muito reduzida. Entre estes casos destaca-se um dos chafurdões situado no concelho de Castelo de Vide que apresenta a

data de 1733 gravada no lintel da porta e que poderia, numa leitura imediatista, datar a sua construção. Mas, mais uma vez, também este chafurdão está situado nas imediações da necrópole e habitat alto-medievais, que poderão, pôr em causa a data do século XVIII como a da fundação desta construção. Reforça ainda mais esta nossa dúvida um caso que ocorreu no concelho de Marvão nos finais da década de 80, do século XX. Um proprietário dum chafurdão rasgou no lintel da porta o ano em que mandou reabilitou uma parte da cobertura que já se encontrava algo destruída. Se nada ficasse registado, como seguramente não vai ficar, para além deste nosso texto, daqui a alguns anos quando os líquenes começarem a cobrir a data gravada, poderão vir a atribuir aos finais do século XX a construção de raiz do chafurdão, situado nas imediações da Beirã.

Na verdade diversas explicações poderão ser aventadas para a elevadíssima incidência de chafurdões junto a necrópoles ou a povoados da Alta-Idade-Média sem que, necessariamente se estabeleça uma relação cronológica direta. Numa primeira leitura macroscópica e empírica pareceu existir uma relação de proximidade entre testemunhos alto-medievais e os chafurdões. Quando se efetuou a comparação e a sobreposição do mapa de dispersão dos povoados e das necrópoles, com a dos chafurdões para os concelhos de Marvão, Castelo de Vide e Nisa, a relação de proximidade inicialmente pressentida tornou-se manifestamente evidente. A partir das leituras cartográficas e das informações de campo que possuíamos deslocámo-nos a alguns dos chafurdões que na cartografia apresentavam maior proximidade com as estruturas medievais e confirmámos a relação direta existente entre sepulturas escavadas na rocha e os referidos chafurdões. Mas esta relação de direta proximidade é especialmente enfatizada e reforçada no caso do chafurdão do Vale da Bexiga (Fig.2), no limite sul do concelho de Castelo de Vide. Para além de se situar, a escassos metros de, pelo menos, duas sepulturas escavadas na rocha,

foi recolhido pela Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, do interior dum derrube da estrutura do chafurdão um fragmento de colunelo de mármore, indubitavelmente de gosto visigótico, onde se observa uma rude gravação dum cristograma (Fig. 3 e 4). De salientar, que a curta distância situa-se a arruinada ermida de N.º. Sr.ª. das Virtudes, cuja arquitetura nos remete para o período medieval e junto da qual se localizam outras sepulturas escavadas na rocha. Outro caso singular, também no concelho de Castelo de Vide e que mais uma vez parece confirmar a hipótese que temos vindo a formular da provável contemporaneidade dos chafurdões com os habitats e necrópoles alto-medievais, é o que ocorre em St.º. Amarinho. Também aqui, para além dos vestígios da ermida que lhe dá o nome e da necrópole alto-medieval ergue-se, não muito distante um chafurdão.



Figura 2. Sepulturas e chafurdão do Vale da Bexiga



Figura 3. Aspeto do colunelo com a gravação dum "Cristograma" segundo J. Magusto



Figura 4. Decalque do "Cristograma" do colunelo do Vale da Bexiga

Na zona do Mascarro, onde um de nós (J.O.) dirigiu trabalhos de escavação na década de oitenta, a par da necrópole do período

visigótico e das estruturas romanas, está presente um chafurdão. Ainda em Castelo de Vide, a direta associação entre chafurdões e sepulturas ocorre em inúmeros locais, dos quais destacamos o Vale da Silvana, Jocel e Cerejeiro. No concelho de Portalegre, ainda que infelizmente nunca estudado, conhecemos no Monte de João Francisco situações idênticas, que se repetem no concelho de Marvão. Neste concelho revela-se de particular interesse a zona entre a ermida de St^o. António e a Fonte de Souto. Aqui, também uma necrópole e povoado alto-medieval acolhem um chafurdão e a escassos metros a arruinada ermida de St^o. António, que pelo aspeto exterior aparenta ter sido reformulada no séc. XVII, mas que alguns elementos estruturais apontam para uma maior antiguidade. Ainda no concelho de Marvão assumem particular interesse dois locais emblemáticos. Na Mouta Rasa, um enorme chafurdão localiza-se na área dum povoado alto-medieval, onde está, igualmente presente uma vasta e singular necrópole de sepulturas escavadas na rocha, algumas ainda com respetiva tampa, embora já violadas. No Monte Velho, concelho de Marvão, que acolhe um enorme povoado e necrópole alto-medievais, identificou-se uma telha com uma inscrição cristã (PAÇO, 1947). Nesta região ocorrem, igualmente, dois chafurdões, um deles já muito arruinado e outro de grandes dimensões. Na telha inscrita, infelizmente hoje desaparecida, proveniente deste povoado e recolhida por Afonso do Paço quando aqui procedeu a escavações, era possível ler-se “latim bárbaro” (H)IC PAX (H)IC C(H)RIST(VS) (PAÇO, 1947). Mais casos idênticos conhecemos, quer no concelho de Nisa, quer no Termo Municipal de Valência de Alcântara, mas que aqui não descrevemos por limite de espaço.

Constata-se, assim, serem demasiadas as coincidências de proximidade geográfica entre povoados e necrópoles alto-medievais com chafurdões para ficarmos indiferentes. Ainda que sem qualquer confirmação podemos e devemos levantar algumas hipóteses

interpretativas. A primeira hipótese e provavelmente a mais elementar, poderia justificar esta proximidade com a disponibilidade de abundante pedra já cortada, resultante do abandono dos povoados alto-medievais e, em épocas posteriores, a sua reutilização na construção dos chafurdões. Contudo, ainda que plausível, não nos explicava a presença de chafurdões unicamente associados a sepulturas escavadas na rocha, como acontece em vários sítios desta região, situando-se os povoados a maior, ou menor distancia. Se a razão fosse meramente economicista o chafurdão estaria situado no interior do povoado e não necessariamente junto às sepulturas. Possuindo alguns destes povoados abundantes cerâmicas de construção, seria plausível que, se considerássemos os chafurdões meramente como recicladores de matéria-prima que ocorresse com grande frequência a presença de cerâmicas de construção, pelo menos a colmatar alguns interstícios dos chafurdões. Contudo, nunca constatámos tal facto, o que nos pode, mais uma vez, remeter para a franca possibilidade da grande antiguidade destas construções de falsa cúpula, eventualmente contemporânea das necrópoles. A presença do colunelo visigótico na fábrica do chafurdão do Vale da Bexiga obrigamos, na verdade, a constatar que o mesmo terá sido reutilizado quando já se apresentaria fraturado. Pelas características do referido colunelo ele poderá ser datado entre os séculos V e o VIII, o que nos confere um espectro cronológico com, pelo menos, de 300 anos, podendo, assim, ter sido, já num momento dessa recuada época, reutilizado no chafurdão. Se, paralelamente, reconhecermos que as sepulturas escavadas na rocha são hoje, maioritariamente, balizáveis, ainda que com alguma discussão associada, entre o séc. VI e o séc. XII, sobretudo em espaço rural, então haveria, mais uma vez, grande possibilidade de remetermos a construção do chafurdão para um outro qualquer momento, pelo menos, entre o século VIII e a denominada Reconquista Cristã, contemporâneo, portanto, das sepulturas escavadas na rocha que junto se encontram. A reutilização do colunelo

e eventualmente de outros materiais de construção da fase visigótica do Vale da Bexiga, cujos vestígios se situam a cerca de 500 metros do chafurdão, configura, assim, uma hipótese plenamente plausível.

Embora estes argumentos nos possam remeter, ainda que de uma forma pouco segura, a construção dos chafurdões para os inícios da Idade Média, não nos permitem, contudo, definir a sua funcionalidade. Haverá, mesmo assim, e perante estes factos, que tentar avaliar alguns aspetos formais destas espantosas construções. Aceitando que a anterior hipótese, por nós formulada, de associar os chafurdões aos inícios da Idade Média, haverá que reconhecer que, nesta altura, não seria muito comum existirem construções habitacionais de planta circular, cobertura de falsa cúpula, sem chaminé e sem janelas. Se considerássemos estas construções, apenas como espaços de habitação seria razoável que, pelo menos, possuíssem alguma abertura superior para eventual saída de fumos e um espaço específico de lareira. Igualmente estranha é a inexistência de grupos de chafurdões, formando aglomerados habitacionais. Se não se destinassem a habitação, seriam simplesmente abrigo para animais? celeiro? ou para a guarda de alfaias? Se se destinassem a estes fins parece-nos pouco razoável um tão grande investimento na construção, quando poderiam ter erigido simples abrigos, com cobertura de telha ou mesmo de giesta, à semelhança das choças. Mais estranho se torna, ainda a grande altura de alguns deles se se destinassem apenas a abrigo de animais. Se não se destinavam a habitação para que serviriam, então, as pilheiras que geralmente possuem no interior? E a estreita fresta, triangular ou retangular, que praticamente todas estas construções apresentam sobre a porta, era apenas uma reduzida entrada de ar, quando a porta se encontrava fechada, ou teria uma outra qualquer função funcional ou simbólica? Mas, mais estranha ainda, é a constante orientação da porta. Maioritariamente, os chafurdões de planta circular apresentam a abertura virada ao nascente. Esta orientação resulta

duma simples razão de salubridade, ou estaremos em presença de algo que ultrapassa o simples ato funcional e racional e entramos no domínio do simbólico?

Importa, também aqui referir a presença de espaços religiosos católicos nas imediações de algumas sepulturas escavadas na rocha e, concomitantemente, a maior ou menor distância a existência de chafurdões. No contexto do complexo arqueológico do Vale da Bexiga, concelho de Castelo de Vide, as ruínas da ermida da N^a. Sr^a. das Virtudes (Fig. 5), convivem, em espaço próximo, com as sepulturas, o que se aceita com naturalidade, e com o chafurdão. Esta ermida, canonicamente orientada, apresenta um aparelho construtivo que a remete, pelo menos, para o período medieval, embora se reconheçam, naturalmente, restauros posteriores. Também no mesmo concelho, as ermidas de N^a. Sr^a. da Luz e St^o. Amarinho implantam-se nas imediações de necrópoles alto-medievais apresentando no mesmo contexto, chafurdões. Também na antiga vila das Meadas, ocorre situação algo semelhante, ainda que os vestígios já estejam bastante adulterados pela contínua reutilização do espaço. A já referida ermida de Sto. António, no concelho de Marvão, dialoga com sepulturas escavadas na rocha, povoado alto-medieval e chafurdão. Em Montalvão, nas imediações da Ermida de N^a. Sr^a. dos Remédios, nos afloramentos xistosos que não muito distante se localizam abrem-se sepulturas alto-medievais e, ainda nos inícios da década de oitenta do século XX, aí se conhecia um chafurdão, já nessa altura muito arruinado e que veio a ser totalmente destruído durante as campanhas de florestação com eucaliptos. Ainda no concelho de Marvão, na zona do Vale de Ródão a muito recente ermida de N^a. Sr^a. da Graça veio a erguer-se junto a uma necrópole alto-medieval e a um povoado. Nessa zona existem também vestígios duma estrutura circular totalmente arruinada, provavelmente um chafurdão. Contudo, a ermida que hoje se conhece remonta ao século XX. Terá aí existido outra mais antiga?

No Termo Municipal de Valência de Alcântara, na estrada para La Fontañera, no Vale de Sambenito, a par das antiquíssimas ruínas da ermida que dá o nome ao local, seguramente erguida sobre estrutura cultural romana, reconhece-se um amplo povoado alto medieval e respetiva necrópole e, segundo informação obtida no local, existirá no limite deste vale um chafurdão muito arruinado, regionalmente conhecido por bugio.



Figura 5. Ermida de N^a. Sr^a. das Virtudes, Vale da Bexiga

Apresentamos aqui alguns exemplos desta curiosa e interessante associação cujo real significado desconhecemos, mas que não devemos ignorar. Nos tempos mais recentes os chafurdões têm vindo a ser utilizados apenas para apoio às atividades rurais e dois apresentam datas gravadas que remontam aos séculos XVIII e XX. O primeiro caso localiza-se no concelho de Castelo de Vide e tem gravada a data de 1733 e o segundo, o Chafurdão da Fonte do Cortiço, em Marvão, apresenta gravado no lintel da porta a data de 1938. Para este caso e segundo o proprietário esta data foi ali gravada no ano em que o

chafurdão recebeu uma grande obra de recuperação. Por este exemplo, ainda que não generalizável, as datas relativamente recentes correspondem a momentos de reabilitação das construções. Muitos destes chafurdões associam-se a contextos funerários alto-medievais, em idêntica situação de algumas ermidas, de cronologia singularmente recuada. A constante implantação dos chafurdões diretamente sobre a rocha recorda-nos o que Jesus Cristo terá ensinado num dos seus sermões na montanha, transmitido S. Mateus no seu Evangelho e que nos diz: "Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia." (Mateus, 7:24-27)

Terão os construtores destas fortíssimas construções seguido os ensinamentos de Cristo, no Sermão da Montanha? Recordemos que as tumulações que se conhecem junto a chafurdões seguiram, com grande probabilidade, o rito cristão e recordemo-nos do cristograma gravado no colunelo do Vale da Bexiga e das ermidas que acima referimos.... Enfim, um conjunto de testemunhos que nos sugerem que a funcionalidade dos chafurdões poderia estar relacionada, originalmente, com práticas religiosas ou funerárias, eventualmente na preparação dos corpos para a deposição nas sempre problemáticas sepulturas escavadas na rocha.

Muitas dúvidas e questões ficam por resolver sobre tão interessantes e, infelizmente esquecidas construções. Quisemos aqui dar o nosso contributo ao desenvolver algumas reflexões, esperando que um dia consigamos ter mais certezas que confirmem, ou não as nossas sugestões interpretativas, ou que assumam como verdadeiras outras hipóteses como a também já formulada de que os chafurdões teriam

sido erigidos pelos pastores do norte quando para o sul traziam os seus rebanhos em transumância, para aí se abrigarem e aos seus juvenis.

Para avaliarmos o real esforço e número de homens mínimo necessário para a construção dum chafurdão realizámos um ensaio de arqueologia experimental com a equipa de pedreiros da Câmara Municipal de Marvão. Nos inícios dos anos 90 do século XX, no jardim frente à Igreja de S. Tiago, na vila de Marvão, resolvemos construir, de raiz, um chafurdão. Primeiramente visitámos vários chafurdões da região e de seguida desafiámos os quatro pedreiros da câmara municipal, chefiados pelo, já falecido, Mestre Caldeira a construir um chafurdão naquele lugar. Para o transporte da pedra, recolhida na zona norte do concelho, utilizou-se uma camioneta. Não contando com o tempo da recolha e transporte da pedra foram necessários 18 dias de trabalho (6 horas reais diárias) para os 4 homens levantarem este pequeno chafurdão com 5,5 metros de diâmetro externo e 4,5 metros de altura. Por não se ter conseguido obter pedra de maior dimensão, na fase final do fecho da abóboda, utilizaram argamassa na união das pedras, não se respeitando, assim, integralmente o objetivo inicialmente proposto. Constatámos, desta forma, que para a construção deste pequeno chafurdão, onde apenas se utilizaram blocos de pedra facilmente movimentáveis por um único homem e se recorreu a uma camioneta para a recolha da pedra, foram necessários, pelo menos 4 homens e quase 20 dias de trabalho. Compreende-se, assim, que para a construção dos grandes chafurdões que nesta região se conhecem, utilizando blocos de pedra, alguns a rondarem os 200Kgs, colocados a vários metros de altura, seriam necessários, pelo menos, 5 a 6 homens durante, no mínimo, um mês. Revela-se, então, que estas interessantíssimas construções não poderiam resultar apenas do esforço de um ou dois pastores para aí se acolherem. A construção da maior parte destes chafurdões obrigaria a um investimento que só seria possível com o envolvimento duma comunidade mais alargada.

Publicamos neste artigo a sequência de imagens da construção do chafurdão de Marvão e agradecemos penhoradamente a todos os que nesta experiência participaram, especialmente, ao nosso (de J.O.) saudoso Amigo Mestre Caldeira. À Câmara Municipal de Marvão, à data presidida pelo Sr. António Andrade, queremos igualmente manifestar os nossos agradecimentos pelo apoio disponibilizado para esta interessante experiência e que já alguma confusão gerou quanto à época da sua construção. Aqui fica, então, registado que o chafurdão de Marvão é obra dos finais do século XX.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA: Difusora Bíblica. Centro Bíblico dos Capuchinhos, 5^o edição, 2012, Lisboa

BUENO RAMÍREZ, P; VÁZQUEZ CUESTA, A. (2008) – *Patrimonio arqueológico de Valencia de Alcántara. Estado de la cuestión*. Valencia de Alcántara: Ayuntamiento de Valencia de Alcántara.

MAGUSTO, João F.A. (2012) – A Propósito de um colonelo... *Castelo de Vide Informação*, ed. online (<http://issuu.com/cmcastelovide/docs/castelo-vidе-informacao-fevereiro?mode=window&pageNumber=28>)

OLIVEIRA, Jorge de; PEREIRA, Sérgio; PARREIRA, João (2007) – *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*. Marvão: Edições Colibri e Câmara Municipal de Marvão.

OLIVEIRA, Jorge de; Ribeiro, Margarida; Pinto, Mário (2011) – Carta Arqueológica de Nisa – 1^a fase (Revisão do PDM). *Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3as jornadas*. Edições Colibri / Câmara Municipal de Fronteira.

OLIVEIRA, Jorge de; PEREIRA, Sérgio (2012) – A pulverização da Ammaia na Alta Idade Média, Espaços e Paisagens. *Antiguidade*

Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 História, Arqueologia e Arte. Évora: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.

PAÇO, Afonso do (1949) – Inscrição Cristã do Monte Velho. Sep. *Revista Brotéria*. 49. Porto: Tip. Porto Médico.

PAÇO, Afonso do (1953) – Carta arqueológica do concelho de Marvão. Sep. *Ciências Históricas e Filológicas*. 8. Lisboa: Imprensa Portuguesa.

PRATA, S. (2012) - *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: [s.n].
Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa.

RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) – *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.



Figura 6. Chafurdão da Mouta Raza - Marvão



Figura 7. Interior do Chafurdão da Mouta Raza



Figura 8. Chafurdão de Vale de Cales - Castelo de Vide



Figura 9. Chafurdão do Corregedor - Marvão



Figura 10. Sepultura e Chafurdão da Fonte de Souto – Marvão



Figura 11. Chafurdão e povoado da Fonte de Souto - Marvão



Figura 12. Chafurdão da Fonte do Cortiço – Marvão

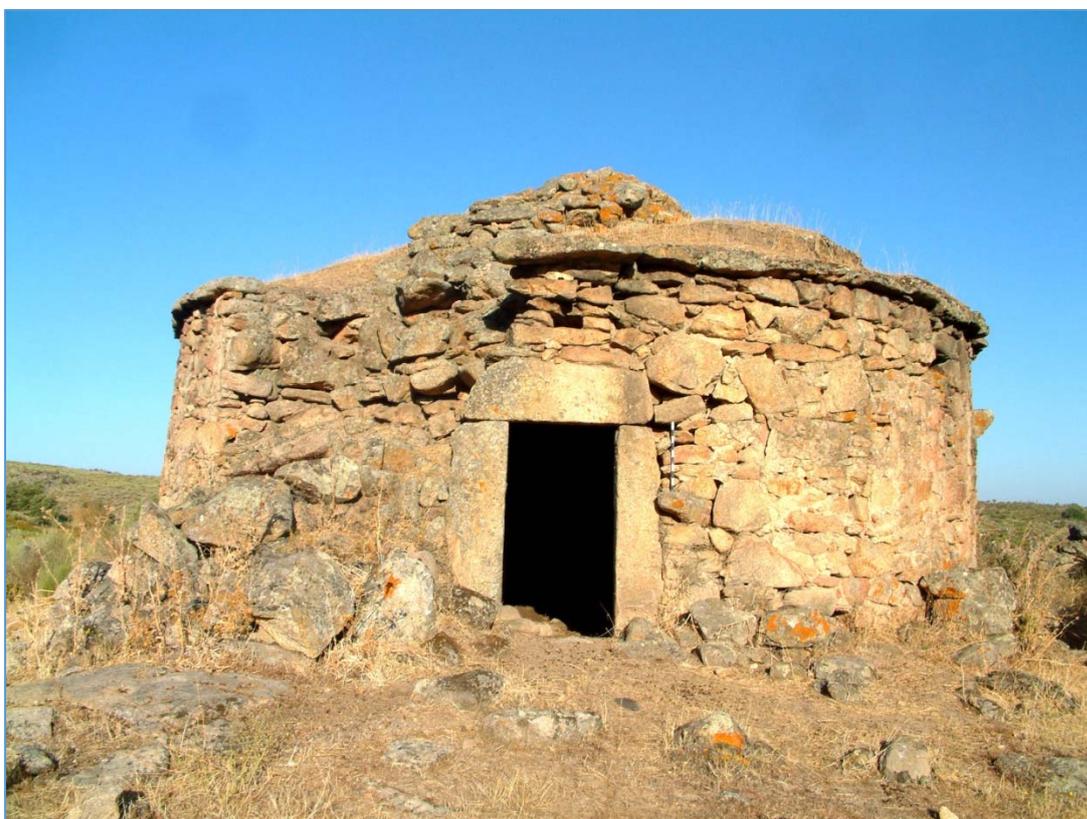


Figura 13. Chafurdão do Cancho da Moita 1 - Marvão



Figura 14. Chafurdão do cancho da Moita 2 – Marvão

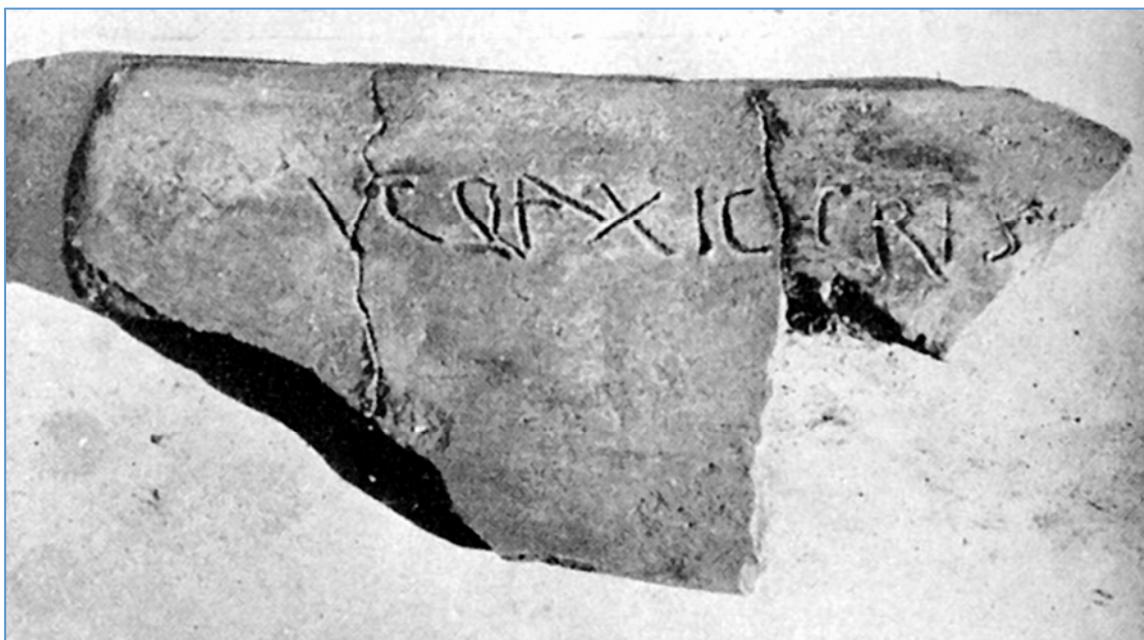


Figura 15. Telha com inscrição cristã – Monte Velho - Marvão

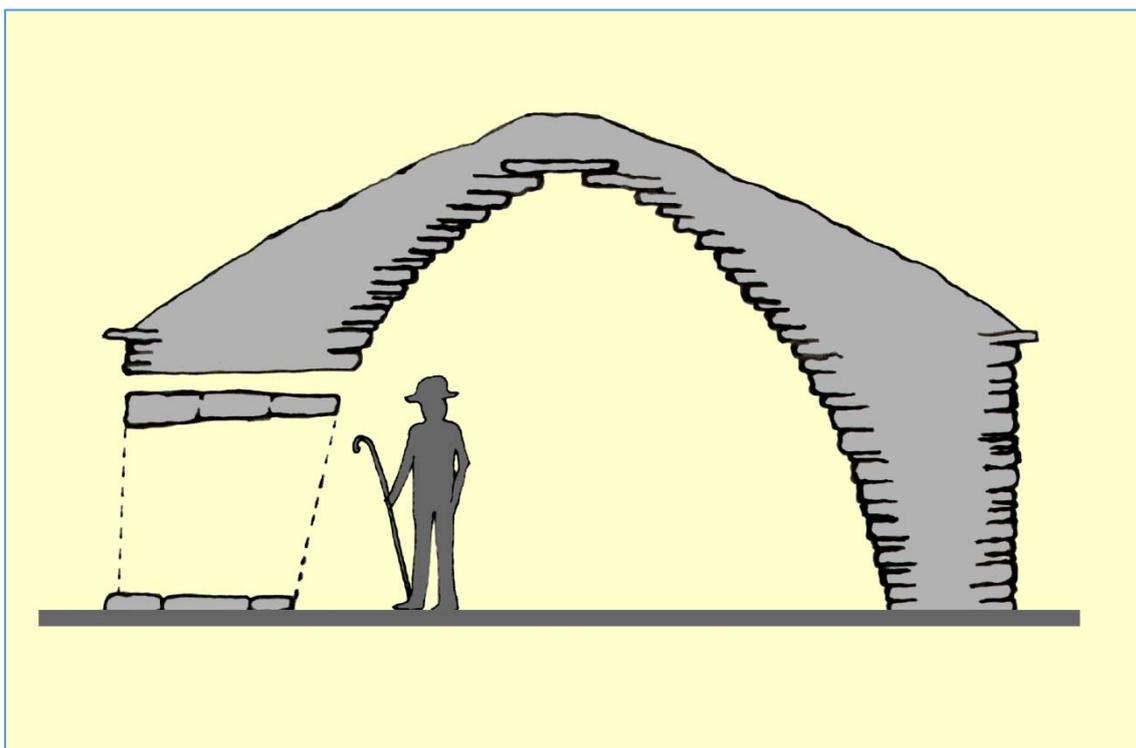


Figura 16. Corte dum chafurdão



Figura 17. Construção do chafurdão do Jardim de S. Tiago - Marvão



Figura 18. Construção do chafurdão do Jardim de S. Tiago – Marvão



Figura 19. Construção do chafurdão do Jardim de S. Tiago - Marvão



Figura 20. Construção do chafurdão do Jardim de S. Tiago - Marvão



Figura 21. Construção do chafurdão do Jardim de S. Tiago - Marvão



Figura 22. Chafurdão do Jardim de S. Tiago atualmente – Marvão



Figura 23. Choça no concelho de Marvão – aspeto final.